

DISTÂNCIAS PROJETUAIS: REFLEXÃO SOBRE O DESIGN EDITORIAL COMO FERRAMENTA PARA ACESSIBILIDADE

GUILHERME BUENO ALCÂNTARA¹;
PAULA GARCIA LIMA²

¹Universidade Federal de Pelotas – guilhermebueno2912@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – paulaglima@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O *designer*, do ponto de vista de alguns teóricos, surgiu como sujeito profissional no momento em que as funções de projetar objetos e construí-los estavam profundamente separadas, leia-se revolução industrial (DENIS, 2000). Aquele responsável pelo *design* projetava, a indústria produzia e o terceiro elemento dessa equação, o consumidor, “recebia” o resultado dessa dupla. Ou seja, na gênese do *designer* está um grau de distanciamento entre a criação dos objetos e para quem tais objetos são criados. Esse fato pode parecer trivial, mas, como uma gota que cai n’água, gera ondulações maiores que si.

Este texto pretende apresentar minha experiência como *designer* no desenvolvimento do projeto gráfico e diagramação do livro *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras*, que realizei como parte das demandas de minha bolsa na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Para, a partir do relato, expor e levantar questões referentes ao papel do *designer* na construção de um mundo mais acessível, pois esse projeto fez com que eu despertasse para as distâncias — enfatizadas neste contexto de isolamento social — entre os *designers* e os que são contemplados por sua atenção e ofício (ou, reformulando, os que *não* são).

Serão tratados, de forma abreviada, questões referentes ao ofício do *designer*, amplo senso e editorial, por Bringhurst (2018), à filosofia da mente, por Nagel (2005) e à acessibilidade propriamente dita, pela obra *Um museu para todos* (2019) e *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras* (2020)¹.

2. METODOLOGIA

Metodologicamente, por este resumo ter sido construído a partir do projeto de diagramação do livro digital *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras*, como exposto na introdução, somado às reflexões posteriores proporcionadas por essa experiência, este trabalho possui um caráter eminentemente qualitativo. Este fato deve-se pois o presente texto visa suscitar reflexões acerca da temática abordada, tendo como base o encadeamento de ideias de diferentes autores, de áreas também variadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de mais nada, é relevante expor o contexto no qual estava inserido ao diagramar a obra. Iniciei minha bolsa na PREC no dia primeiro de julho e esta foi minha primeira demanda como bolsista. Já havia passado por uma experiência de quase um ano como bolsista diagramador na Editora da UFPel, então estava tranquilo quanto à diagramação da obra, até me deparar com o tema e a

¹ Durante a escrita deste texto, o livro ainda estava em pré-lançamento.

importância que ele carregava e carrega. Antes deste projeto, nunca havia refletido com a devida atenção a quais indivíduos leitores meu trabalho atendia e a quais não.

Bringhurst, que é, entre tantas coisas, poeta, tipógrafo e linguista, escreve categoricamente: “A tipografia serve para honrar seu conteúdo” (BRINGHURST, 2018, p.23). Tipografia é a arte de tornar visível a linguagem verbal, dar forma à matéria amorfa que nasce na mente, logo, demanda uma prática norteada pela responsabilidade. A frase de Bringhurst, que é tão curta na sintática, é gigante na semântica, pois diz muito sobre o ofício de quem diagrama. A função do *designer* especialista nessa área é fazer jus ao texto, um ofício de honestidade e respeito aos autores, aos leitores e às palavras. Aceitando essa máxima, e empregando ela no contexto de um livro que trata sobre acessibilidade, é impossível considerar cumprido o papel do diagramador caso a obra não seja acessível. Neste contexto de reconhecimento da minha inexperiência prévia quanto à prática de *design* editorial inclusiva, que surgiram as reflexões desse texto, afinal, problemas não reconhecidos não se solucionam por conta própria.

Como relata Salasar, na introdução de *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras*:

Pensemos numa pessoa sem deficiência que decide ir ao cinema ou ao teatro. O que ela precisa fazer? Escolher o local, o horário e ir. Para as pessoas com deficiência as coisas não são tão simples assim. É preciso saber se há um percurso acessível, se o local é acessível, se há recursos de acessibilidade em todos os horários ou se só ocorrem em sessões específicas e agendadas. Isto sem entrar nas questões ligadas ao capacitismo, que também se encontram enraizadas em nossa sociedade. Então, fica o questionamento, será, de fato, a deficiência que limita a pessoa? (SALASAR, 2020, p.14)

Impossível não relacionar o “cinema” do exemplo, ao próprio livro que contém este trecho. Será que a diagramação que fiz contribui para manutenção das limitações impostas às pessoas com deficiências? Não posso fugir dessa responsabilidade, a resposta é, em certo grau, sim. Com isso não quero dizer que não tentei, na medida dos meus conhecimentos e esforços, tornar o mais abrangente possível a obra, mas hei de reconhecer que desconheço muito sobre o tema. Não há um dia que não pense, desde que diagramei a obra, quem será que minha diagramação nega o direito à leitura. Tornar acessível é tarefa árdua, complexa. Para ilustrar isso, um exemplo: as ferramentas que tornam arquivos .pdf interpretáveis à leitura em voz alta, para suprir as necessidades específicas de algumas deficiências visuais, escondem-se na interface em menus, submenus e sub categorias destas categorias já tão divididas, as quais são, aliás, pouco intuitivas nos programas de diagramação. Além disso, algumas dessas ferramentas, como no caso do programa *InDesign*, não possuem sequer atalhos para seu acesso. Neste mundo, com um tempo cada vez mais veloz, ferramentas de acessibilidade não possuírem atalhos diz algo, mas não está nas pretensões deste texto tentar identificar o quê.

Antes de diagramar *Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras*, não compreendia o funcionamento das ferramentas de acessibilidade, como ainda não comprehendo por completo, mas agora sei de sua existência e as tenho estudado com apreço. Sem essa experiência é provável que não me preocuparia com isso, ou pelo menos não neste momento.

Sobre a dificuldade em implementar medidas inclusivas, Michelon (2019) aponta, na introdução da obra *Um Museu para todos: Manual para Programas de Acessibilidade*, ao tratar da possibilidade de projetar museus acessíveis a todos:

Ser possível não é ser fácil. E quando falamos o absoluto imensurável “todos”, já anunciamos que a tarefa é das mais difíceis. É verdade que, comumente, evitamos a dificuldade, já que nem sempre estamos prontos para o desafio. Mas do início ao fim, há sempre uma trajetória na qual as pequenas vitórias nos levam adiante. (MICHELON; SALASAR, 2019, p.6)

Sinto que minha experiência de diagramação, de certa forma, é um exemplo da situação descrita acima. Tentei, na medida de minha capacitação no momento, galgar “pequenas vitórias”: ao tentar deixar a forma visual do texto o mais clara possível, tanto em termos hierárquicos como em escolha de tipografia; ao evitar a utilização exclusiva de cores como elemento de distinção visual; ao deixar o sumário interativo, propiciando que o leitor navegue até a parte desejada da obra; ao manter a possibilidade de seleção de texto em leitores de .pdf. Ademais, a maior “vitória”, no escopo pessoal, acredito que tenha sido justamente a exposição que tive a essas questões tão urgentes e importantes. Afinal, a experiência como bolsista de extensão na PREC modificou os rumos da minha formação já na primeira demanda. Não tenho como não avaliar como um excelente primeiro passo.



Figura 1: Mosaico apresentando a obra com imagens da capa, abertura de capítulo, sumário e páginas de texto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Tangenciando um pouco a discussão, mas sem fugir muito do assunto, Thomas Nagel, no texto *Como é ser um morcego?*, faz uma discussão sobre a filosofia da mente. O texto utiliza a pergunta de seu título para abordar problemas relacionados à forma como entendemos a consciência e a experiência subjetiva. Nagel (2005), defende que é inimaginável pensarmos como é ser um morcego, como é a *sensação* de existir desta maneira. Ele usa este exemplo por motivos de clareza argumentativa, pois o morcego nos parece “alienígena”, apesar de ser um mamífero, como nós. Nós, humanos, sabemos como é ser um *Homo Sapiens*,

mas não sabemos como é *ser outro* que não *nós mesmos* (no sentido de nossa experiência subjetiva individual). Penso que estas questões relacionam-se muito com a acessibilidade. Não posso imaginar como é *ser* no mundo, de uma forma que não *sou*. Nunca saberei como é *ser* alguém que possui uma deficiência que não posso. Justamente por isso é necessário que nós, todos, valorizemos, em amplo sentido, a experiência alheia.

Como escreveu Michelon, irretocavelmente:

Assim é o trabalho com acessibilidade. São pequenas vitórias que mudam os princípios de um pensamento que coloca a dificuldade no plano da impossibilidade. Vencer a dificuldade é mudar o mundo, porque é trazer ao campo do possível o que se desenhava, até então, como improvável. É, portanto, mudar uma imagem e, também, aquilo que ela representa. (MICHELON; SALASAR, 2019, p.6)

4. CONCLUSÕES

Em suma, todas essas questões referentes às expertises técnicas para a criação de um pdf inclusivo, por exemplo, podem ser praticamente invisíveis à maioria dos leitores. É um trabalho, que de um ponto de vista estreito, fruto da ignorância genuína (o não saber), pode parecer ingrato. Contudo, se uma pessoa que depende desses recursos acessar uma obra e se sentir vista, contemplada e respeitada, teremos dado mais um passo rumo a um mundo melhor. Não existe caminho mais gratificante que esse. Não precisamos imaginar o inimaginável de Nagel, basta o empenho em deixar de ver o *outro* como *outro* e tentar percebê-lo como um sinônimo do *eu*. Ou, se essa visão é um tanto narcísica, perceber a si próprio como integrante de algo maior que si.

Que este texto sirva como uma espécie de farol — que aponta, enquanto estiver acessível, às questões da tão relevante Acessibilidade — para aqueles e aquelas que desejem dedicar-se ao design editorial, essa área com tanta tradição e passado, que tem tudo para ser, também, um porto seguro para todos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINGHURST, R. **Elementos do Estilo Tipográfico**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

DENIS, R.C. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MICHELON, F.F. Apresentação. In: SALASAR, D.N. **Um museu para todos: manual de programa de Acessibilidade**. Pelotas: Editora da UFPel, 2019. Cap.1, p.6-8.

NAGEL, T. Como é ser um morcego?. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas, v. 15 n. 1, p.245-262, 2005.

SALASAR, D.N; MICHELON, F.F (org.). **Acessibilidade Cultural: Atravessando Fronteiras**. Pelotas: Editora da UFPel, 2020.